

Pré-Assembleia do Sicoob Credivertentes reúne mais de 500 pessoas em São Tiago

Com público recorde, o encontro entre instituição Cooperativista e Cooperados foi marcado por informação, diálogo, debates comunitários e integração. Na oportunidade, o presidente do Conselho de Administração, João Pinto de Oliveira, fez um discurso igualmente acolhedor – e com referências históricas. "Somos herdeiros – e com muita honra – dos antepassados bandeirantes, mineradores e inconfidentes que povoaram e engrandecem a região, tornando-nos um povo trabalhador, honrado, modesto, prudente e que faz, que serve".

Página 13

São João del-Rei teve um fotógrafo-poeta

Milton, o retratista, foi uma prova mineira de que a arte está no olhar; e que poesia se faz também, com palavras que não são ditas – mas histórias a serem vistas. Fernando Campos narra essa trajetória: "Milton tinha um olhar delicado e uma dedicação artesanal: fazia pequenos ajustes nas fotografias à mão, sempre que solicitado, suavizando detalhes que poderiam ser vistos como imperfeições, realçando expressões e, acima de tudo, buscando a beleza que acreditava existir em cada pessoa".

Página 14



ALECRIM, ALECRIM DOURADO...

A cantiga você conhece – e deve ter cantarolado ao ler o título acima. Mas qual sua origem? Qual seu significado? E por que foi reinventado entre os internautas? "Uma cantiga de teor nos-

tálgico e ingênuo, Alecrim Dourado é uma expressão muito divulgada na atualidade e reinventada pelas novas gerações, carregando na linguagem de hoje uma dose de ironia".

Página 16

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



A campanha que toca há 180 anos – sem parar

Poderia ser um grande incômodo, mas é Ciência intrigante. "O Oxford Electric Bell, como é chamado, desafia a lógica moderna sobre a longevidade das baterias. Ninguém sabe exatamente como ele ainda funciona; e abrir o dispositivo para investigar significaria interromper um dos experimentos mais antigos do mundo".

Página 18

PREÂMBULO

EXISTENCIA HUMANA - POTENCIALIDADES E EMBATES EVOLUTIVOS

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação de vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2)

A existência humana é, sem dúvida, desafiadora, perquiridora, uma longa travessia, exaustiva porfia. O (buscar) sair da servidão, rompendo as cadeias de vícios e primarismos; lançar-se à liberdade, de forma inteligente, responsável, escolha consciente, crucial, onde o chamado *mal* é/ seja um elemento explícito, incidental em nossas experiências.

Somos depurados, alquimicamente, a cada momento: o chumbo, sob o choque do calor em múltiplas, doridas operações, a fim de se atingir o estágio áureo. Portamos todas as deficiências, venalidades, viciações que buscamos ocultar, rejeitar, lançá-las aos esconderijos e porões, quando deveríamos, na prática, trabalhá-las, burilá-las, transmutá-las e assim expor-nos apurados, remidos, tal qual o é a (nossa) natureza divina.

Rejeitamos a nossa condição de imperfeitos, quando deveríamos evidenciar nossa potencialidade, nossa verticalidade, nossa espiritualidade. Fazemo-nos de bons, ingênuos, refinados, conforme os figurinos sociais, religiosos, o que é insuficiente, senão insustentável. Conscientemente, recusamos sacrifícios, estágios probatórios. Ansiamos por um padrão “perfeito”, aparência e imagem invejáveis, sem, porém, nos amadurecer, nos prover de renúncia, nos desbastar, realizar em nós a criação permanente, divinizante. Daí, como na história de Eros e Psiquê, eis o confronto, ou seja, a absorção de nosso ser (ego) desconhecido. “Só me é possível ver nos outros / o que posso ver dentro de mim” (James Baldwin).

Especialistas forenses dizem que a mente criminoso, majoritariamente, é indiferente à avaliação de como suas atitudes lesam o outro, não tendo, pois, um mínimo de empatia pelo mundo. É o que se observa, se comprova em muitos políticos, empresários, chefes religiosos, autoridades chafurdados em corrupção de toda ordem. O escritor Noam Chomsky alerta que a nossa cultura imputa ao outro a condição de criminoso, eximindo-nos pessoalmente – e mesmo ontologicamente – de responsabilização ou transformação, tanto que a teologia delega a Cristo a condição de remissor da humanidade.

Lavamos as mãos, levamos pro forma criminosos a tribunais e presídios, fechamos os olhos, enquanto os cofres públicos são pilhados continuamente, milhões de compatriotas padecem de fome, desamparo. Crianças, mulheres, minorias sofrem holocaustos diários, gerações futuras são sacrificadas. Precisamos nos decompor, nos reposicionar. “O ser humano não se torna iluminado ao imaginar figuras de luz, mas ao se conscientizar da escuridão” (Jung).

Ocultamos, no mais fundo, nossas incapacidades, nossos impulsos, ainda que esposando conceitos competitivos, ousados, correndo o risco de nossa impermeabilidade, inflexibilidade, petrificação. Humildade, resiliência são ingredientes essenciais à nossa ascensão em meio aos embates existenciais. “Se estás preparado para suportar serenamente a provação de seres fonte de agrura para ti mesmo, então serás um agradável abrigo para Jesus” (Santa Teresa de Jesus).

Adivinhas/Charadas



- 1- O que é o que é: uma planta que todas as pessoas têm na mão?
- 2- O que é o que é: tem sempre o mesmo tamanho mesmo que o peso mude?
- 3- O que é o que é: tem uma perna mais comprida que a outra e anda dia e noite sem parar?
- 4- O que é o que é: sobe e desce, mas nunca se move?

Respostas: 1) a palma; 2) a balança; 3) o relógio; 4) a temperatura

Provérbios e Adágios

- Dentre elas prefiro todas.
- Desanimar, nunca. O desengano deve ser o começo de outra esperança.
- Deus guia e eu dirijo.
- Dar tratos à bola.
- Fazer ouvido de mercador.

Para refletir

- “Três verbos existem que bem conjugados serão lâmpadas luminosas em nosso caminho: aprender, servir e cooperar.” Chico Xavier
- “Lítigio – uma máquina na qual se entra como um porco e se sai como uma salsicha”. (Ambrose Bierce)
- “A justiça é como uma serpente: ela morde só quem tem pés descalços”. (Eduardo Galeano, escritor uruguaio)
- “O corpo é como uma vasilha de barro cru, que submergido na água, pode desintegrar. Daí deve ser exposto ao fogo para fortalecer-se, purificar-se”. (Livro Gheranda Samhita)

RECEBEMOS/AGRADECEMOS

Caríssimo João, agradeço muito o envio do belíssimo livro sobre São Tiago do Marcus Santiago.

Lerei-o com muito prazer, porque sei que foi escrito com muita competência e com alma. A apresentação está agradabilíssima.

Desejo que esteja bem. Envia ao Marcus minhas felicitações por tão grande obra.

Com gratidão e amizade, o abraço grande do Fernando Alcici.

PS A última neta do Padre Julio faleceu em Belo Horizonte a 13 de maio de 2024, chamava-se Dalva Andrade Ferreira Cyrino, faleceu com 90 anos completos, viúva, sem deixar filhos. Era filha do João Baptista Ferreira e da Leonina Andrade Ferreira, sendo a caçula.

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diélla
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

SERVIÇO MILITAR

Os dois moços eram primos, filhos de irmãs, naturais de um lugarejo quase roça em algum canto do estado de Minas Gerais. Como nasceram com diferença de semanas foram criados juntos desde o berço. Como amigos e companheiros chutaram a primeira bola de meia, mergulharam no poço, foram à escola, olharam para a primeira menina bonita, tomaram o primeiro copo de cerveja amargo e ruim. Com aniversários tão próximos foram juntos para o processo de alistamento militar, e depois a seleção, a designação e a incorporação no mesmo tiro de guerra em cidade próxima.

Na apresentação, uniformizados e formados no pátio do quartel, veem chegar o eterno pavor desta situação: um sargento muito bravo e mal humorado, quase soltando fogo pela respiração, passando em revista a tropa procurando qualquer deslize, um desalinhamento no uniforme, um amassado na roupa, um botão não fechado ou um cabelo mal cortado.

De repente vira-se para o primeiro primo e dispara: “– Qual o seu nome?”. O rapaz, tímido por natureza, balbucia: “– Zé.”.

O oficial prossegue: “– Zé, Zé, Zé, isso não é nome nem apelido, e aqui não gostamos de apelido. O seu nome é José Nepomuceno de Alcântara”, arremata olhando uma listagem. O rapaz engole um “– Sim senhor.” quase mudo.

Com fúria segue o interrogatório: “– O que você veio fazer aqui?”. “– Não sei não senhor?”, responde o moço e o sargento completa: “– Você veio servir no Exército Brasileiro! E o que é aquilo?”, aponta para a bandeira hasteada. O moço cala-se sem força até para dizer que não sabe e o oficial grita a plenos pulmões quase sofrendo um ataque cardíaco: “– Aquilo é a Pátria, a sua mãe!”.

Dando um tempo para readquirir a tranquilidade e a au-

toridade se dirige ao segundo primo: “– E você, qual é o seu nome?”. “– Joaquim Sebastião Correa, senhor.”.

Agradavelmente surpreso o sargento continua: “– Excelente! Excelente! O que você veio fazer aqui?”. “– Eu estou aqui para servir no exército Brasileiro,

senhor”, fala o outro primo, que dos dois certamente era o mais esperto, aproveitando a experiência anterior do seu parente.

O sargento, satisfeito, porém um pouco ressabiado por temer estar sendo vítima de uma pegadinha, se vira apontando teatralmente para a bandeira hasteada e fulmina repetindo a última pergunta: “– O que é aquilo?”. Cheio de si, com o rosto iluminado de tranquilidade e segurança o recruta responde: “– Ah, fácil, essa eu sei. É a mãe do Zé, minha tia!”.

P.S.: Um médico de São Tiago lembrou-se desse caso durante a missa na Igreja Matriz. Teve que se conter para não rir muito e passar vergonha!



Imagem: commons.wikimedia.org

Coletado e adaptado de várias fontes por Fabio Antônio Caputo

TELEFONE SEM FIO

Um aviso começou a circular pela fábrica!

Presidente para Diretor

–Na próxima segunda-feira, aproximadamente às 20 horas, o cometa Halley passará por aqui. Trata-se de um evento que ocorre somente a cada 76 anos. Assim, peço que os funcionários sejam reunidos no pátio da fábrica, todos usando capacetes de segurança, para que eu possa explicar o fenômeno. Se estiver chovendo, não poderemos ver o raro espetáculo a olho nu, e todos deverão se dirigir ao refeitório onde será exibido um filme documentário sobre o cometa Halley.

Diretor para Gerentes

–Por ordem do Presidente, na sexta-feira às 20 horas, o cometa Halley vai aparecer sobre a fábrica. Se chover, os funcionários deverão ser reunidos, todos com capacete de segurança, e encaminhados ao refeitório, onde o raro fenômeno aparecerá, o que acontece a cada 76 anos a olho nu.

Gerentes para Chefe de Produção

–A convite do nosso querido Diretor, o cientista Halley de 76 anos, vai aparecer nu no refeitório da fábrica, usando capacete, pois vai ser apresentado um filme sobre o problema da chuva na segurança. O diretor levará a demonstração para o pátio da fábrica.

Chefe de Produção para Supervisor de Turnos

– Na sexta-feira às 20 horas, o Diretor, pela primeira vez em 76 anos, vai aparecer nu no refeitório da fábrica, para filmar o Halley, o cientista famoso e sua equipe. Todo mundo deverá estar de capacete, pois vai ser apresentado um

show sobre a segurança na chuva. O Diretor levará a banda para o pátio da fábrica.

Supervisor de Turnos para Funcionários

–Todo mundo nu, sem exceção, deve estar no pátio da fábrica, na próxima sexta-feira, às 20 horas, pois o mandachuva (Presidente) e o Sr. Halley, guitarrista famoso, estarão lá para mostrar o raro filme “Dançando na Chuva”. Depois todo mundo no refeitório de capacete, onde o show será realizado, o que ocorre a cada 76 anos.

No mural: Aviso para todos

–Na sexta-feira, o chefe da diretoria vai fazer 76 anos e liberou geral para a festa às 20 horas no refeitório. Vão estar lá, pagos pelo mandachuva, “Bill Halley e seus Cometas”. Todo mundo nu e de capacete, pois a banda é muito louca e o rock vai rolar solto, mesmo com chuva.



Texto: sabesim.com.br / Imagem: br.pinterest.com

Coletado e revisado por Fabio Antônio Caputo

Rua Francisco de Paula Lara – Antiga Rua do Correio

Esta rua sempre marcou sua localização privilegiada desde os tempos antigos de nosso Arraial. Está situada no centro da cidade, adentrando a Praça Ministro Gabriel Passos – a mais famosa e linda de nossa cidade –, tendo como marco principal a nossa Igreja Matriz. A Rua Francisco de Paula Lara localiza-se logo à direita da matriz, sendo a segunda, e tem, em frente, outro importante marco: a sede da Prefeitura Municipal.

Nos anos de 1940/1950, em frente à rua, localizava-se também a famosa Igreja do Rosário, palco de muitas manifestações religiosas. Essa igreja foi demolida no final da década de 1950 por diversos motivos.

A Rua Francisco de Paula Lara era uma rua larga e comum,

do Zezinho. Uma casa cheia de filhos, jardim florido, muitas visitas e parentes. Dona Conceição era uma pessoa exemplar, fervorosa, sempre envolvida com a igreja. Cantava no coral com sua linda voz e ajudava a preparar as crianças para as procissões – com roupas, asinhas de anjo, etc.

Logo abaixo, estava a casa de dona Duzinha, diferente das demais: afastada da rua, com um grande espaço na frente. Seu esposo, Sr. Francisco, fazia consertos de móveis, e um carro de boi ficava sempre no terreiro. Nós, crianças, adorávamos subir no carro, esconder debaixo dele, mexer nas madeiras e nas ferramentas, sempre curiosos. Dona Duzinha, com muita habilidade, cortava e arrumava cabelos. Sua sala fica-



sem calçamento. Em sua parte final, era íngreme e tinha um morrinho. Com o tempo e as construções modernas, a paisagem foi se transformando, e hoje a rua apresenta uma leve descida calçada. Refiro-me especialmente às décadas de 1950 e 1960, período em que, ainda criança, frequentei muito as casas dessa rua – simples, cheia de casas dos dois lados, poucos lotes vagos, e habitada por moradores expressivos e talentosos.

Começo pela casa do correio, local onde toda a correspondência passava pelas mãos do Sr. Francisco Alvim, que havia conquistado esse cargo por ter participado da Segunda Guerra Mundial. Junto a ele, dona Tatinha e sua filha Célia. Era um espaço pequeno, com pouca claridade, mas sempre muito organizado, com grampeadores, régua, envelopes, selos, vidros grandes com cola e pincel, balança, carimbos, papel parado para volumes, entre outros materiais.

Lembro-me de um caso inusitado envolvendo o correio. Os malotes com correspondências eram transportados nos ônibus de “corrida” que faziam as linhas entre São João del-Rei e Divinópolis. Durante uma enchente do Rio Jacaré – evento comum na época –, havia uma travessia chamada “Quatro Pontes”, onde a estrada passava sobre o rio. A água encobriu a ponte e o ônibus tombou. Contava-se que as malas foram levadas pela correnteza e que uma delas, a do correio, se abriu, fazendo com que as cartas boiassem rio abaixo. Não se sabe ao certo se é fato ou boato, mas foi um assunto bastante comentado.

Logo em frente ao correio, ficava a casa de dona Conceição

va pequena nas épocas de festa, tamanha a procura, principalmente por mulheres. Ela dominava a técnica dos demorados permanentes, enrolando cabelos com papel alumínio e produtos de cheiro forte. Além disso, também nos ajudava a confeccionar fantasias, adereços e enfeites.

Mais adiante, havia uma linda casa de vidraça, sempre pintada de novo. Seus moradores eram Maurício Jefferson Pinto, seus irmãos Saulo Converso Lara e a Sra. Lucília e ainda Maria José Fonseca – esta última, exímia em elegância, postura e ética, foi diretora de nosso grupo escolar por muitos anos.

Ao lado, havia o Sr. Tiago Pantaleão, sapateiro, e dona Salete. Era muito bom entregar um sapato velho e receber de volta como novo! Ele fazia trocas de fechos, meia-sola, confecção de cintos, entre outros serviços, sempre sentado no banco de tiras, com o avental no colo, cercado por sapatos.

Do lado esquerdo, moravam Sr. Enir e dona Jandira, cuja casa tinha um diferencial: o fogão a lenha no meio da cozinha. Era interessante circular ao lado dele, sempre aceso, com panelas cheias de comida saborosa. Havia sempre prosa, alegria, e um caminhão FNM na porta, carregado de latas de ferro para transportar o leite da zona rural.

Logo abaixo, moravam Sr. Rubens Martins e dona Germana Silveira, casal discreto. Ela, excelente professora do grupo escolar, sonhava em ter uma filha. Quando nasceu, deu-lhe o nome de Rugerma – uma junção dos nomes dos pais: Rubens e Germana.

Do outro lado da rua, vivia o Sr. José Luiz, irmão do Fran-



cisco Luiz (esposo de dona Duzinha). Funcionário público, era pai do Minucinho e muito habilidoso. Em sua horta, criava abelhas sem ferrão e bicho-da-seda e recebia visitas escolares. Dona Nilda, por exemplo, levou sua turma para conhecer as abelhas e o jardim por volta de 1958 – eu estava presente.

Na descida, formando uma pequena pracinha, havia muitos lotes vagos com cavalos e vacas. De um lado, morava o Sr. Zezico Fogueteiro, exímio artesão: consertava eletrodomésticos, criava arranjos e fabricava foguetes. Em frente, havia uma casa alta, com grandes janelas de madeira, pertencente ao Sr. Zeca da Licota.

Do outro lado, estavam o Sr. Bento e dona Beralda, fazendeira de hóstias para a igreja matriz. Ela passava dias colhendo e confeccionando terços com “contas de lágrimas” – sementes abundantes em seu quintal, usadas para artesanato. Dona Beralda era muito católica, nos ensinava a rezar e era sempre vista indo à igreja com suas saias compridas e escuras, sempre bem composta, levando as hóstias e os terços.

As hóstias que fazia eram passadas numa forma parecida com uma chapa de ferro, e nós ficávamos rodeando dona Beralda para ganharmos os retalhos das hóstias cortadas. Era muito fervorosa e tinha prazer em nos ensinar a rezar.

Mais abaixo, ficava a “fontinha”, onde as lavadeiras lavavam, colavam e secavam as roupas das famílias.

Esta rua é um espaço que marcou a história de São Tiago. Não pode ser esquecida. Relatei aqui esses fatos para que os mais jovens conheçam os moradores ilustres que fizeram parte da história da nossa cidade.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST



Brígida Olímpia de Castro e Antônio Ribeiro de Paiva (Antônio do Galo)

FOTOPINTURAS: A ARTE DE COLORIR MEMÓRIAS EM PRETO E BRANCO

Segundo os relatos na história, o método da fotopintura surgiu na França em meados do século XIX, com o fotógrafo André Adolphe Eugène Disdéri, que buscava aliar a precisão da imagem fotográfica aos matizes e à expressividade da pintura manual. A partir de uma base fotográfica em baixo contraste, as superfícies eram recobertas por camadas finas de aquarela ou óleo, criando um híbrido singular entre retrato, fotografia e pintura.

Já no Brasil, trazida por imigrantes europeus, sobretudo italianos, ainda no final do século XIX, a fotopintura rapidamente conquistou os ateliês de retratos, inclusive em Minas Gerais. Em cidades como Belo Horizonte e Ouro Preto, pequenas empresas familiares ofereciam esse serviço a quem quisesse eternizar faces e cenários em cores vivas, bem antes do advento da fotografia colorida propriamente dita.

O processo de produção era marcado pela colaboração de equipes: um “puxador” reproduzia a imagem original em papel de baixo contraste, removendo fundos e detalhes indesejados; em seguida, o fotopintor aplicava tinta sobre o rosto, roupas e cenários, definindo traços, corrigindo imperfeições e enriquecendo olhos, cabelos e adereços. Esse trabalho artesanal demandava delicadeza, paciência e domínio de pigmentos transparentes, dando origem a peças únicas que transitavam entre arte e memória. Era praticamente o Photoshop da época.

Até meados do século XX, as fotopinturas mineiras registraram batizados, casamentos, formaturas e retratos de família, conferindo às imagens uma aura de dignidade e solenidade. Hoje, essas relíquias de papel, muitas vezes guardadas em álbuns ou molduras de madeira, são objeto de restauro e exposições, como a mostra “Deslimites da Memória” no Museu Mineiro, que resgata a tradição dos mestres da fotopintura em Belo Horizonte e reforça sua importância na construção visual da cultura mineira.

Fernando de Castro Campos

O MINISTRO ANÔNIMO

Haroldo Correa de Mattos foi homem público brasileiro, político, natural de Engenheiro Paulo de Frontim, Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu aos 10 de fevereiro de 1923. Ocupou inúmeros cargos na administração federal, como a de presidente da Empresa de Correios e Telégrafos entre 1970 a 1974 e ainda Ministro das Comunicações, de março de 1979 a março de 1985, no governo de João Figueiredo, último presidente do regime militar. Correa de Matos faleceu aos 15 de junho de 1994.

Tinha, por hábito, como presidente dos Correios e depois ministro, tomar o avião de carreira e até mesmo ônibus e descer, incógnito, em cidades do País, indo às repartições ligadas à sua pasta, a fim de verificar, in loco, como era o atendimento ao público, enfim como estavam funcionando os serviços. Apreciava deslocar-se de táxi ou até mesmo de coletivo, conversando com taxistas e pessoas comuns, puxando-lhes a língua como estavam o atendimento dos serviços públicos, no caso os ligados à sua autarquia. Numa dessas suas "incertas", chegou, certa feita, anonimamente, a uma agência dos Correios

no centro da capital mineira, onde, por cargas d'águas, trabalhava um funcionário, como tantos, tido como casca grossa, maltratando os usuários, desancando colegas.

Entrando na fila, como um cidadão comum, agência lotada, vestido com roupas simples, pode observar a rispidez ou, no mínimo, a impaciência ou descortesia de funcionários para com o público. Chegando a sua vez, fingindo-se ser alguém analfabeto ou de pouca cultura, esclarece desejar postar uma correspondência, não sabendo, porém, subscritá-la, viu-se ridicularizado, diminuído, chamado de "tolo" pelo funcionário, ali à frente de todos. Saindo dali o "tolo" subiu as escadas do prédio, apresentando-se ao diretor geral da repartição.

Um sufoco. Um corre-corre, tendo o assunto – a presença do chefe geral, o ministro em pessoa – rapidamente se espalhado pela agência, chegando-se, sabe-se lá como, à imprensa, que aconteceu ao local.

É chamado o funcionário grosseiro, que ali repete sua impolidez, sendo sumariamente demitido. Afinal, eram tempos do regime militar...



Instituto São Tiago Apóstolo realiza homenagem a escritores são-tiaguenses

O Instituto São Tiago Apóstolo promoveu, no dia 26 de abril, um encontro especial com escritores são-tiaguenses, proporcionando um momento único de troca de saberes, resgate de memórias e reconhecimento pelo talento, dedicação e contribuição desses autores à cultura local e regional.

O evento aconteceu na sede do Instituto, localizada na Rua São José, 461, às 16h. Durante a programação, os escritores foram homenageados em um clima de emoção. O público presente foi agraciado com belas canções interpretadas pelo músico Flávio Ribeiro, que contribuiu para tornar o momento ainda mais especial.

A equipe coordenadora, juntamente com a diretoria da en-

tidade, conduziu as homenagens, reforçando a importância dos escritores para a preservação e valorização da identidade cultural de São Tiago. Alguns dos homenageados também puderam expressar sua gratidão, compartilhar brevemente suas trajetórias, experiências e o amor pela escrita.

Ao final, foi servido um lanche de confraternização, promovendo um ambiente acolhedor entre todos os presentes. O evento contou com a presença de autoridades locais, convidados, amigos e voluntários do Instituto São Tiago Apóstolo, que celebraram juntos a força da literatura são-tiaguense.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



MANUEL FERREIRA PACHECO

MORADOR EM SÃO JOÃO BATISTA (MORRO DO FERRO) SÉCULOS XVIII-XIX

Manuel Ferreira Pacheco, proprietário de terras na freguesia de São João Batista, era natural da freguesia da Lage, filho homônimo de Manoel Ferreira Pacheco e de Joana Rodrigues. Casou aos 27-01-1788 na capela de Nossa Senhora da Ajuda da matriz de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo (Barbacena) com Joaquina Felizarda de Jesus, nascida aos 26-09 e batizada aos 12-10-1766 em Barbacena, filha de Martinho de Faria Moreira e Quitéria Maria.⁽¹⁾ Padrinhos: Antonio Rabello, morador na freguesia de São João Del-Rei e Rita Maria da Conceição, esposa de João Teixeira. (Livro de Matrimônios Julho 1781-Dezembro 1795, Paróquia Nossa Senhora da Piedade (Barbacena) / Livro Family Search/Mormons – Igreja Católica MG/Brasil 1706-1799 pp. 71/112).

Manuel Ferreira Pacheco foi sepultado na capela de São João Batista aos 15-04-1821. Em 1831, D^a Joaquina Felizarda, já viúva com 56 anos, vivia no curato de São João Batista (Morro do Ferro), fogo 41, fiadeira, em companhia dos filhos “dependentes, todos brancos e solteiros”, a saber Custódio (28 anos), Antonio (15 anos) agricultores e a filha Joana, 26 anos, fiadeira e ainda 10 escravos. D^a Joaquina faleceu com testamento registrado em Passa Tempo aos 15-01-1841.

CASAL COM 11 FILHOS:

1- Severina, batizada aos 08-12-1788 na capela de São João Batista; casou com José da Costa Ferreira e Mello.

2- José, nascido aos 28-06 e batizado aos 04-07-1790 na capela de São João Batista – Padrinho: Antonio Luiz Gonçalves.

3- Manoel, batizado aos 07-08-1791 – Padrinhos: Manoel Ferreira Pacheco e Maria Ribeira, enteada de José da Silva Campos.

4- Joaquina Felizarda, batizada aos 19-10-1794 na capela de São João Batista – Padrinhos: Sebastião José Esteves e Ana Rosa Pereira.

Casou aos 26-10-1820 na capela de São João Batista com João Manoel Fernandes, natural de São Miguel, arcebispo de Braga, filho de Antonio José Fernandes e Maria de Abreu.

5- João, batizado aos 04-11-1798. Padrinhos: José Antonio da Silva e João Francisco de Andrade.

6- Custódio, batizado aos 05-10-1800. Padrinhos: Custódio Luiz da Costa e Josefa Ferreira de Santana. Não é citado no inventário materno (falecido, provavelmente, antes de 1841).

7- Vicente, batizado aos 28-05-1805. Padrinhos: Antonio Pereira dos Santos e Felicia da Cunha.

8- Joana Rosa de Jesus, herdeira da terça materna. Solteira sem herdeiros forçados, testou em abril de 1841, instituindo seu irmão Antonio por universal herdeiro (Testamento registrado no livro de óbitos da freguesia de Passa Tempo aos 17-08-1841).

9- Hilário, batizado aos 17-10-1807. Padrinho o Alferes Antonio Joaquim de Andrade.

10- Antonio Ferreira Pacheco, batizado aos 29-08-1813. Padrinhos: Dâmaso Ribeiro da Silva e D^a Micaela Maria.

Casou aos 20-09-1841 na igreja de Nossa Senhora de Bom Sucesso com Maria da Trindade Máxima de Rezende, filha do cirurgião Tomás da Silva Fraga e Francisca de Paula Fortunata de Rezende, proprietários da Fazenda da Papunça (família “João Francisco da Silva”).

11- Estevão.

(Fonte: Projeto Compartilhar – Martinho de Faria Moreira)

SG-Cx. 34, Doc. 24 – Requerimento de Manuel Ferreira Pacheco, morador na aplicação de São João Batista, termo da vila de São José, referente a carta de sesmaria de meia légua em quadra das terras devolutas entre as terras de Manuel Jorge Malta e a fazenda do Alferes Domingos Gonçalves de Góes, porque tem família grande e fábrica suficiente para cultivá-las – Data 09/11/1797.

NOTAS

(1) *Martinho de Faria Moreira era natural da vila de Mogi das Cruzes, bispado de São Paulo, filho de Antonio de Faria Moreira, natural de Santos (SP) e de Ignes Ribeiro, natural de Mogi das Cruzes. Falecido aos 12-01-1776 em Barbacena com testamento, onde declarou seus dois casamentos e respectivos filhos.*

Casado em 1^{as} núpcias aos 27-04-1744 em Barbacena com Luzia Garcia Fontoura (+ 07-03-1759), filha de Lourenço Garcia Fontoura e Isabel Ribeiro de Lima, tendo (o casal) os filhos: Pe. Antonio de Faria Moreira; Francisco de Faria Moreira; Ana Perpétua; Ignez Ribeiro de Lima; Mariana Joaquina das Neves; Martinho de Faria Moreira; Maria; Rosa Inácia da Assunção.

Enviuvando-se, Martinho casou em 2^{as} núpcias aos 17-09-1759, em Barbacena, com Quitéria Maria de Jesus, natural da Borda do Campo (Barbacena) ou Prados, segundo outros registros, filha de Feliciano Cardoso e Catarina de Almeida, esta natural da freguesia da Penha, bispado de São Paulo.

Filhos desse enlace: Manoel; José; Joaquina Felizarda de Jesus; Rita; Constantino.



No dia 28 de abril do corrente ano, foi reinaugurada a Biblioteca Pública Municipal “Joaquim Pinto Lara”, em São Tiago, em um evento marcado pela valorização da cultura, da memória e do acesso ao conhecimento. A iniciativa foi promovida pela Prefeitura Municipal de São Tiago, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do município e contou com a participação da comunidade.

mando que sua missão é garantir acesso universal à leitura, à cultura e à informação de qualidade, contemplando diversas gerações de estudantes e leitores.

O espaço passou por reformas estruturais e recebeu adaptações que garantem mais segurança e funcionalidade aos usuários. A reabertura oficial da biblioteca foi marcada pelo corte simbólico da fita, realizado pela presidente do Instituto Histórico e Geográfico, Maria da Conceição Silva Mata, acompanhada do secretário.

A biblioteca, que agora será administrada pelo Instituto Histórico, está localizada na Rua Carlos Pereira, nº 33, e funcionará de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Além do tradicional empréstimo de livros, estão previstas atividades culturais e educativas, como clubes de leitura, jornadas literárias, exposições, oficina de escrita criativa e encontros entre professores, alunos e membros da comunidade para o desenvolvimento de projetos.



A cerimônia teve início às 14 horas, no prédio Octávio Leal Pacheco, onde está instalado o Memorial Santiaguense e a Biblioteca Pública, que esteve temporariamente fechada para reforma e adequações de segurança. Estiveram presentes o secretário municipal de educação, Bruno Santos, diretoras escolares, professores, alunos, vereadores, autoridades locais e representantes da comunidade, que aguardavam com expectativa a reabertura do espaço.

A oradora oficial do evento, Maria de Lourdes (Cairu) fez um resgate histórico da biblioteca desde sua criação na década de 1930 até os dias atuais, destacando sua importância para a formação de leitores e para a preservação da história local, além de ex-servidores e projetos que aconteceram. Em seguida, o secretário de educação, Bruno Santos, ressaltou o papel fundamental da biblioteca na formação cidadã, afir-



A reinauguração da Biblioteca Pública Municipal representa um marco no compromisso do município com a educação e a cultura, reafirmando a importância de manter e valorizar espaços públicos que incentivem a leitura, o conhecimento e a convivência comunitária.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

A BIBLIOTECA MUNICIPAL

A história se faz com pessoas, livros, fotos, oralidade, casas, muros, edifícios e objetos.

E não é diferente a história da primeira Biblioteca de São Tiago. Ela se inicia no ano de 1930, pelas mãos do extraordinário Sr. Joaquim Pinto Lara.

Homem culto, professor, músico, nascido em Conceição da Barra de Minas, diretor do Grupo Escolar Afonso Pena Júnior de 28/09/1927 a 12/08/1953. Durante sua gestão, dedicou-se à organização de uma Biblioteca, órgão necessário ao bom funcionamento de uma casa de estudos e pesquisas. A leitura é a alma do desenvolvimento.

Com sua maestria, cuidou deste feito arranjando livros e estantes para acomodá-los. Não existiam ainda as tão práticas estantes de aço, os volumes eram acomodados em armários de madeira, com portas de vidros, numa das salas do antigo prédio do Grupo. Uma sala, aos nossos olhos de criança, grande, comprida, retangular que abrigava os vários armários já descritos e também o antigo relógio que indicava os horários em que a Sineta deveria tocar. Nesta sala ficava o livro de ponto para receber a assinatura de presença dos professores e ali ficavam também os funcionários (à época chamados de “servente”) recebendo professores, alunos com seus lápis para serem apontados, emprestando livros e anotando os empréstimos.

Assim iniciou a primeira Biblioteca que, cuidadosamente, teve seus primeiros volumes registrados em livro próprio, até hoje guardado, como relíquia, na atual Biblioteca pública. Registrados pelo competente diretor, Sr. Joaquim Pinto Lara, com sua bela caligrafia, indicando: número de ordem, nome da obra, autor, doador e observações. Isto teve continuidade com os diretores subsequentes.

Há que se notar que todos os livros que deram início à primeira Biblioteca de São Tiago foram doados. Entre os primeiros doadores estão: Augusto Viegas, José Resende Santiago, Professora Maria José Lara (D. Santinha), Dr. Eurico Viana, D. Mária Campos Gaudêncio, José Gaudêncio Júnior, Pe. Elpídio Rosa, Ana Teodora da Silveira Alves (Nanzinha), Dr. Benedito Valadares, Carmelita Lara (Sinhá Lara), Dr. Hildebrando Clark, João Batista dos Reis, Cecília Ribeiro, Joaquim Pinto Lara, Ma. José Fonseca, entre outros.

Há também que se destacar a volumosa doação (maioria) do Dr. Augusto Viegas, o que lhe deu o direito de ser o patrono desta primeira biblioteca que por muitos anos chamou-se Biblioteca Viegas, conforme registro em livro próprio.

Com o passar dos anos foram adquiridos livros através dos Clubes de Leitura, que eram realizados pelas professoras do Grupo cujos registros, no mesmo livro, se encon-

tram. Daí pela frente a Biblioteca passou a receber livros de várias Secretarias Estaduais de vários Ministérios, do IBL (Instituto Brasileiro do Livro).

Ao passarem os anos a Biblioteca recebeu sala própria, pois a primeira se misturava à sala de professores, de arquivos, de guardião dos mapas geográficos, armários contendo cadernos, lápis e borrachas para venda aos alunos e fornecimento aos mais carentes (material da “Caixa- Escolar”).

Em seguida passou a ter professora-bibliotecária, com função específica de cuidar dos livros e atender aos usuários. Daí pela frente várias atendentes foram passando a este serviço, um período em que se tornou Biblioteca Comunitária, uma parceria entre Prefeitura e o Estado de Minas Gerais. Entre elas as professoras Sirlei de Castro Gonçalves (Léia), Nilza Moraes Campos, Rosa Caputo, Jandira Vivas Moraes e também o Sr. Miguel Arcanjo (Miguel da Esmeria). A partir de 27/11/1967 a Biblioteca foi municipalizada e passou a chamar-se Biblioteca Escolar Comunitária Professor Joaquim Pinto Lara, homenagem ao seu fundador.

Com a municipalização, em parceria com o Estado, teve outras funcionárias como Daise Maria Campos e outros e, por último, há vários anos, os usuários eram atendidos pela bibliotecária Sra. Andrea Sousa...

A biblioteca a partir de 1967 passou a ser um órgão da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Hoje, em virtude da demissão a pedido, da funcionária Andrea que prestou bons serviços à Biblioteca durante 19 anos, a mesma se encontra sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, mas aos cuidados do IHGST (Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago) que aderiu ao pedido de colaboração da Prefeitura, para administrar a Biblioteca buscando seu fortalecimento e um bom atendimento à comunidade.

Os usuários serão de agora em diante, atendidos pelo Sr. Diogo Fernando da Silva e Sra. Rita de Cássia Viana Oliveira no horário de 8h às 18h, de segunda a sexta-feira.

A Biblioteca, além de empréstimos de livros e orientação a trabalhos escolares, estará também promovendo atividades de cunho literário, artístico e social.

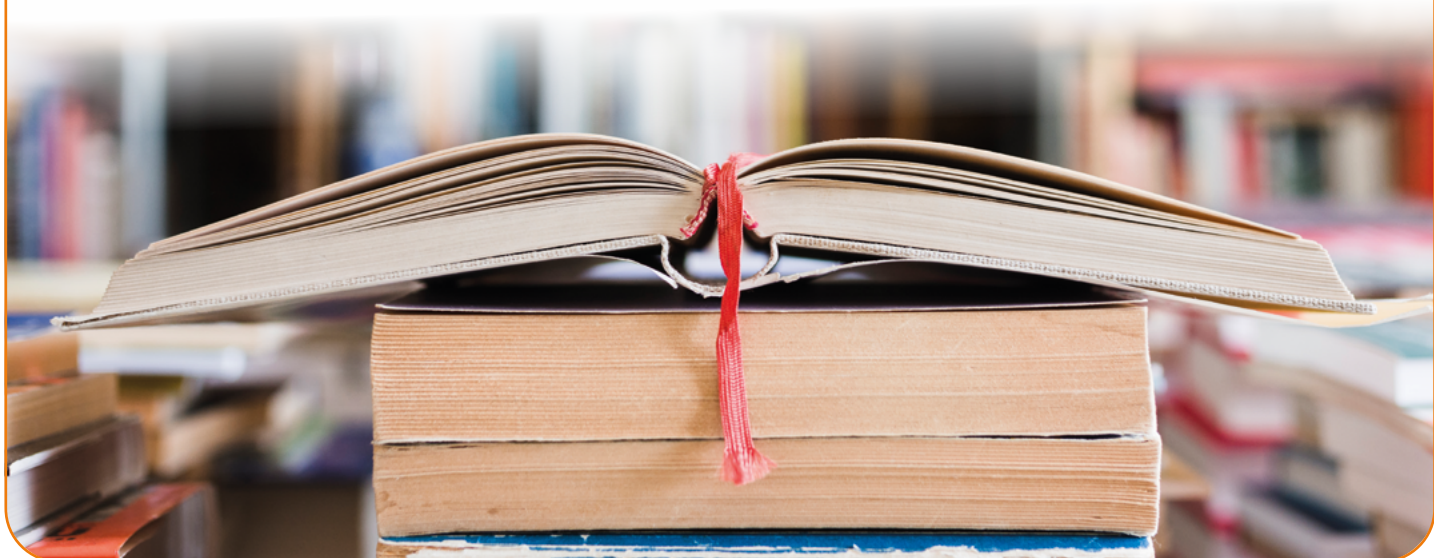
Esperamos que a nova caminhada seja de sucesso, proporcionando novos tempos no campo da cultura e da literatura.

Façam bom uso do que hoje lhes pode ser oferecido.

Boas-vindas aos novos funcionários.

Cairu 28/04/2025

Sobre biblioteca da cidade de São Tiago ver matérias em nosso boletim nº XLVI – julho/2011 e XLVIII – setembro/2011.

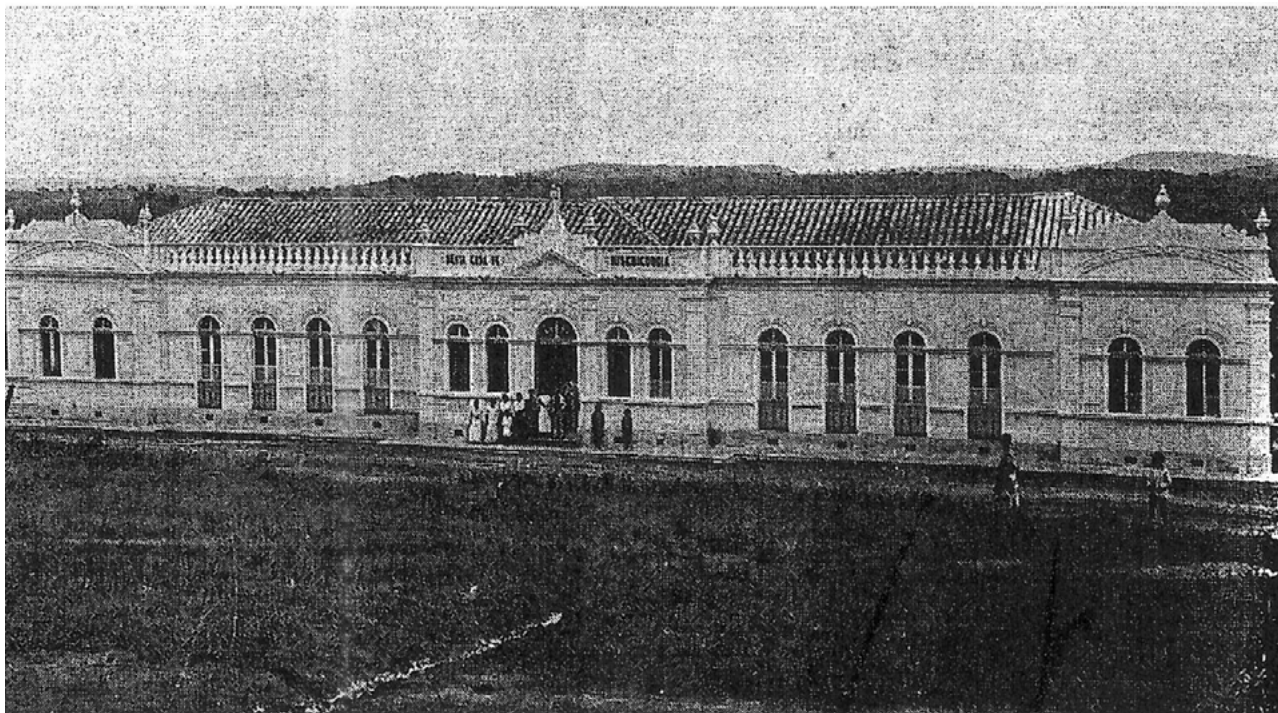


APOTEOSOS DO IDEAIS

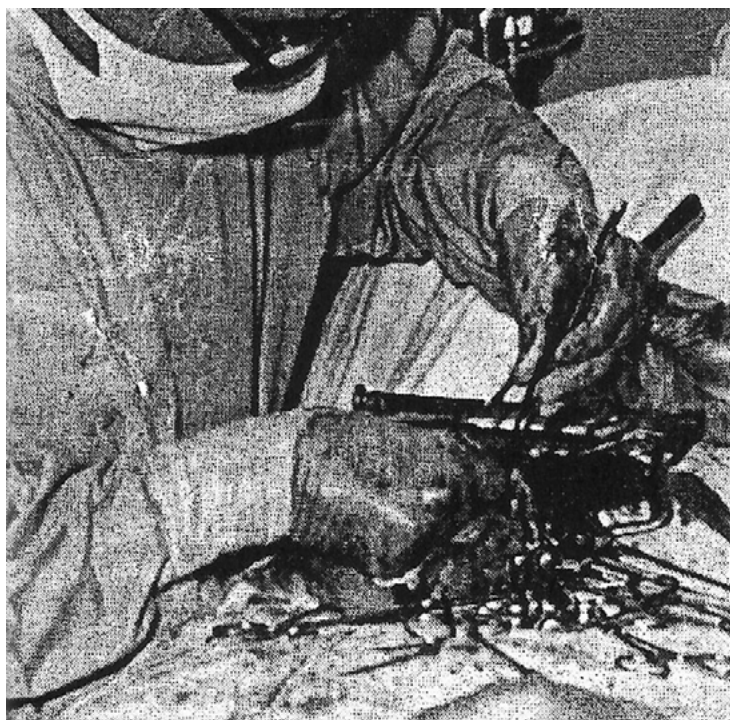
Pesquisa e texto: Antenor Gonçalves Filho

1ª PARTE

Bonsucessenses



Nesta casa milhares de vidas nasceram



E foi nesta casa também, que por estas mãos, milhares de outras vidas foram salvas.

Nesta publicação especial

Não podemos deixar de prestar uma homenagem a quem dedicou toda uma vida numa missão muito especial: A DE SALVAR VIDAS, NUMA TERRA, CUJO NOME DADO PELO SEU FUNDADOR, FOI ESCOLHIDO EM VIRTUDE DE UM MILAGROSSO SUCESSO, OCORRIDO POR OCASIÃO DO NASCIMENTO DO PRIMEIRO BONSUCESSENSE QUE VEIO À LUZ, NESTAS ANTIGAS TRILHAS DO CAMINHO PARA GOIÁS.

Bom Sucesso (*)



Brilhantes pela própria natureza, da mesma forma que rugem no peito da nação brasileira “Gigantes pela própria natureza”. Na sua origem de fundação, conta a lenda, que um membro da corte, designado pelo rei para ser o governador de Goiás, vinha de São Paulo e passava pela antiga trilha, desbravada pelos nossos corajosos aventureiros que se dedicavam à descoberta de novos caminhos pelos sertões das Gerais.

Densa mata, montanhas e grandes rios a serem transpostos. Era um novo desafio a cada quilômetro percorrido, o que enobrecia ainda mais os nossos desbravadores.

O governador, que vinha trazendo em sua comitiva a esposa grávida, que ao chegar no local, onde se encontra hoje a igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, sentiu as primeiras dores do parto.

O marido, temendo pela esposa e pelo filhinho que estava para nascer, fez uma súplica à Nossa Senhora do Bom Sucesso: que se a esposa tivesse sucesso em seu parto, em meio àquelas terras ainda selvagens, mandaria ali construir uma capela em seu louvor.

A Virgem ouviu a súplica e o parto ocorreu com SUCESSO e êxito.

Ele, homem de fé, ali mandou construir uma capela e trouxe de Portugal uma linda imagem da milagrosa santa.

Dava início à fundação da cidade de Bom Sucesso, que hoje se destaca pelo desenvolvimento, ocasionado em função do duro trabalho honesto e dignificante de muitos grandes outros bonsucessenses, que vieram depois, em gerações sucessivas até os dias de hoje.

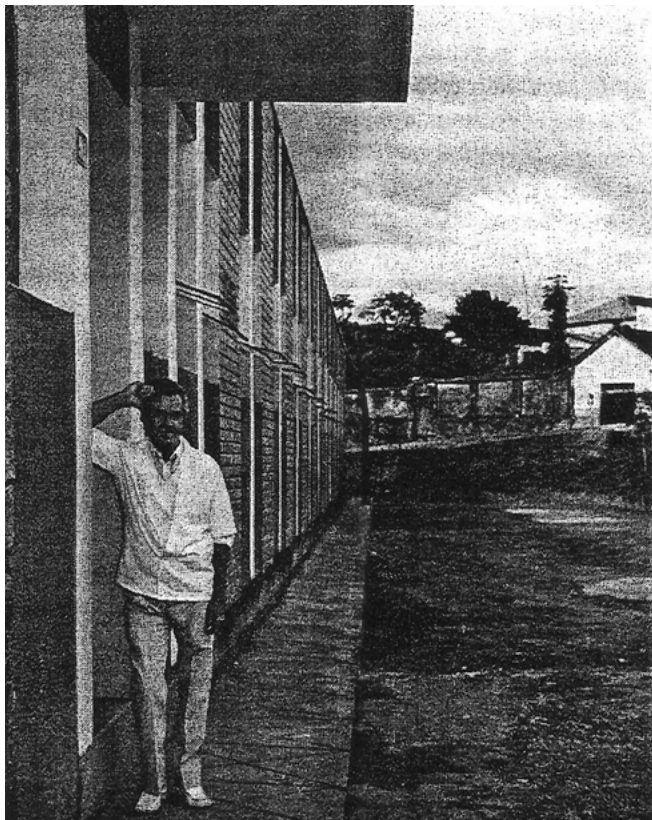
Esta raiz, que teve início em função de um sucesso, não nega, nem nunca negou a sua boa qualidade, não só aqui, assim como em qualquer lugar do planeta e futuramente da galáxia em que se encontrar.

O bom fruto sempre da boa semente, que inserida à terra, nasce uma nova planta, de cerne forte, de folhagens e ramalhetes robustos, sob os quais, novos outros frutos virão.

É lógico que em uma linda árvore não se encontra só lindos frutos, assim como não existe nação perfeita, de raça pura e nobre, como se pode fazer a seleção num curral. Tem também frutos podres. Só que nesta terra, especialmente, sempre se destacaram os melhores e o podre cai e se mistura na lama e nela se consome.

* Bom Sucesso é o mesmo que parto normal – (Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa – Laudelino Freire – Ed. 1946)

“Brilhantes pela própria natureza” é o que ruge no coração do bonsucessense. Ele é o exemplo de seu próprio sucesso a cada passo.



Dr. Ary em frente ao prédio que veio ampliar a área construída da Santa Casa. Obra que conseguiu fazer com apoio de amigos do povo de Bom Sucesso.

Temos hoje esta linda cidade que muito progrediu, que conforme já dissemos, fruto de exemplos que as novas gerações assistiram de seus filhos ilustres.

As crianças assistiam a exemplos vivos de conterrâneos ilustres pelos quais tinham o prazer da admiração pelas atitudes, capacidade de decisão e principalmente do resultado das práticas aplicadas no cotidiano, que sempre se destacaram pelo SUCESSO.

Era o doutor fulano, o doutor ciclano. Eram os valetes guerreiros e os mais bem sucedidos empresários. Eram os famosos banqueiros e os incontestáveis advogados. Eram os enormes fazendeiros e os virtuosos paroquiatos. Eram as enormes minerações e os famosos abalos sísmicos, que só aqui tiveram o privilégio de acontecer, para a famosa onda se pegar, para amedrontar, para afugentar.

Ainda na recente história o benemérito Benjamin Guimarães, o filho bem sucedido, grande benfeitor da cidade. Exemplo ao qual, muitas crianças que assistiram, se inspiraram. Os famosos advogados que em sua época faziam abalar todo o estado de Minas Gerais, exemplos que muitas crianças seguiram.

Eu particularmente, em minha infância já ouvi muitos meninos dizerem que iam ser doutor Ary quando crescessem. E hoje vão ver nos grandes hospitais de Minas Gerais, do Brasil e nos grandes países de primeiro mundo, quem são os doutores que lá operam?

Posso assegurar, com muita convicção e segurança, que são muitos bonsucessenses.

Dentre os grandes nomes, nas mais variadas profissões, sempre tem um bonsucessense para honrar o nome da terra. Não precisamos falar dos altos escalões das instituições militares, dos generais, brigadeiros, almirantes que todo mundo de Bom Sucesso conhece.

Se São Pedro não negara
A Cristo como negou,
Outro galo lhe cantara
Melhor que já cantou.

Brandão – Pinto Renascença .151

E pois a água não vai ao moinho
Que vá o moinho à água,
Para tudo ir por seu caminho.

Ulissipo – Obras 73/74

BATALHA SEM DESCANSO

Eram noites viradas para socorrer gritos de dor, de desespero e para operar e ajudar novos bonsucessenses chegaram ao mundo, num lugar seguro, com conforto, com confiança, nas mãos de um grande e exemplar conterrâneo. Orgulho para milhares de pessoas.

Seu consultório é frequentado por um número grande de pessoas diariamente, e às vezes faz várias operações em um só dia.

Só um milagre o ajuda a aguentar a tanto trabalho e graças a Deus, ainda o faz. Ele é o esteio central do Asilo de Caridade, Santa Casa de Bom Sucesso, de onde ninguém nunca voltou sem ser atendido e jamais se registrou um caso de que alguém houvesse morrido por falta de atendimento.

Outro exemplo da força deste sacerdócio são as mais de 10 mil cirurgias que ele fez, ao longo dos 52 anos de exercício da medicina.

É nesta hora, onde um orgulho de cidadão precisa de um mínimo de reconhecimento por parte daqueles que foram beneficiados pelas suas ações diretas ou indiretas. Diretas, pelas vezes que a ele recorreram em busca de uma solução e ele emprestou seu conhecimento, dedicação e o ajudou. Da forma indireta, não só pelo

que ajudou aos seus, mas também pela estrutura que hoje dá suporte a Bom Sucesso para competir no mundo moderno, graças a exemplos que sempre resultaram em benefícios para a cidade.

Talvez a falta de reconhecimento que ele sofre e incompreensões, sejam motivados a estímulo e principalmente daqueles que querem ignorar o mérito do trabalho e dedicação.

Os auspiciosos cabelos brancos que lhe cobrem a fronte são resultados de um trabalho digno, honesto e exemplar.

É deste exemplo de ser humano, que muita gente se esquece, que nos lembramos neste momento, em que estando nós no lazer, na festa, no passeio de automóvel, no trabalho, ou em qualquer lugar, podemos ter a certeza de que ele continua operando, atendendo consultas ou doentes carentes, que precisam de sua ajuda para continuarem a viver.

Exemplo de fé, dedicação e solidariedade humana, o que enaltece os valores morais do ser humano, principalmente em relação ao desenvolvimento, para a grandeza de Deus, do “Regente Auspicioso das Civilizações”.

EXEMPLO NOBRE, PARA QUE AS CRIANÇAS DE AMANHÃ

Não se inspirem em falcatruas, grupelhos, desonestos, trapaceiros e outros imorais de vida fácil que hoje se incrustam pelas paredes cujos alicerces estão fundamentados na estrutura do caráter, da luta ao desafio e do trabalho honesto e imortal do ser humano.

Mas, neste momento em que nos encontramos numa turbulência geral, onde a economia está totalmente desorientada, as fontes de trabalho esgotadas, as cadeias superlotadas, o país perdido e o brasileiro como cego em tiroteio. É neste momento em que estamos débeis, esgotados, estressados, cansados, desatinados, atribulados, tristes; é neste momento em que precisamos de um conforto, de um apoio, de uma mão que nos transmita segurança, que nos dê confiança, que nos dê sustentação, que nos revitalize, que nos traga novamente aquele sorriso, aquela esperança de reviver. É neste momento em que lembramos do médico, do doutor que ao so vermos nos enriquece da confiança que precisamos para respirar, para viver... , principalmente se ele é um exemplo.

É neste momento em que nos lembramos do Dr. Ary. Daquele Dr. Ary, que inspirou as crianças pela segurança, pelo punho tático da mão milagrosa, que salva vidas.

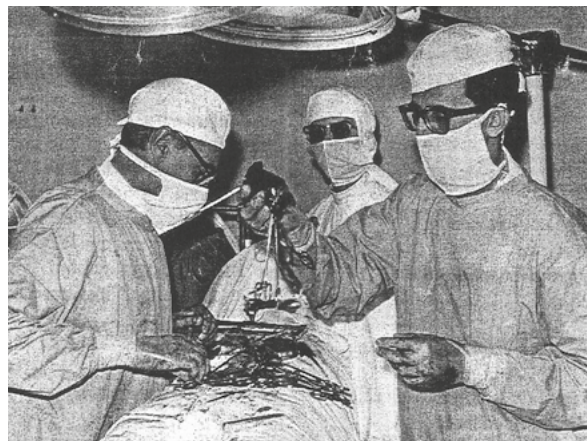
É neste momento em que levamos a nossa imaginação lá para dentro daquelas paredes frias, que muitas cenas assistiram ao longo destes anos que ele dedicou ali, sem ter tempo de sair, para que alguém não sofresse, não morresse sem socorro, sem o toque das milagrosas mãos, que receberam a mais linda das missões de Deus, a de salvar as vidas do seu próprio semelhante, estivesse ele onde estivesse. Se possuía fortuna ou se era abandonado na pobreza.

O juramento ao diplomar-se nesta missão era dos mais nobres e os sacerdotes da medicina, não mediam distância, o tipo de condução e o quanto iriam receber para salvar vidas, para aliviar dores.

O sacerdócio da medicina era um compromisso para com Deus e para com o ser humano, para com a nossa própria espécie nascida da mesma forma e pelo mesmo lugar, onde várias vidas nasceram, nas mãos do sacerdote a quem nos referimos.

Os limites do município eram pequenos para ele socorrer e salvar, que mal tinha tempo para dormir. Ainda atendia pacientes de São Tiago, Itutiruna, Santo Antônio do Amparo, Nazareno e até mesmo de cidades maiores como São João del Rei, Lavras, Oliveira, etc., que vinham pela fama do notável clínico e cirurgião.

Médiuns locais, costumavam dizer que ele tinha um grande apoio espiritual para dar conta de tanto trabalho.



Auxiliado por outro médico (não conseguimos identificar na foto) e pela Irmã Beatriz, várias cirurgias foram feitas, ao longo de toda uma vida e até hoje ainda o faz.

Já houve casos, dele ter cochilado assentado em uma cadeira, entre uma operação e outra, enquanto esperava a sala de cirurgia ser preparada para outra luta de no mínimo 2 horas, de pé e com muita concentração.



PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO SICOOB CREDIVERTENTES, SR. JOÃO PINTO DE OLIVEIRA, NA PRÉ ASSEMBLEIA DE 02/04/2025, EM SÃO TIAGO

Orgulho em compartilhar com os Senhores e Senhoras, este momento de

interagir dados, números, informações de nossa Instituição, aqui atuando há 39 anos, prestando inestimáveis serviços creditícios, negociais, sociais, culturais à coletividade. Uma Instituição da própria terra, plena de vitalidade, pujança, grandeza, fruto de nosso suor, nosso sacrifício, nossos esforços.

Orgulho em sermos mineiros, filhos das Vertentes, com a nossa cultura, nossa memória, nossas tradições, nossos valores que são inalienáveis, jorram em nossas veias, irrigam nossos campos, irradiam-se por nossas montanhas.

Há décadas, nós construímos esta Casa – SICOOB CREDIVERTENTES – com bravura, coragem, altivez e a mantemos cada vez mais forte, fortalecendo a economia e o desenvolvimento local, estimulando negócios e empreendimentos, gerando empregos, promovendo talentos – isso com as nossas próprias forças, com nossa capacidade e dignidade.

Somos herdeiros – e com muita honra – dos antepassados bandeirantes, mineradores, inconfindentes que povoaram e engrandecem a região, tornando-nos um povo trabalhador, honrado, modesto, prudente e que FAZ, QUE SERVE.

A proeza de se falar, de se ofertar pelo silêncio, pela cautela, pela simplicidade.

Pelo sentimento da força conjunta, da presença, do senso coletivo, de honrarmos o passado como relíquias, nos tornamos muitos e ao mesmo tempo nos sentimos responsáveis pelo bem comum, e com isso geradores de riquezas, progresso, dignidade.

Parabéns, sãotiaguenses aqui presentes, pelo senso de cooperação, de apoio, dedicação ao futuro de nossa terra e nossa região.

“Ser mineiro é um enigma. Decifrar a esfinge mineira é coisa difícil, quase impossível”.
(Fernando Sabino).



MILTON, O FOTÓGRAFO POETA DE SÃO JOÃO DEL-REI

Em meio aos casarões históricos de São João del-Rei, brilhou a lente sensível de Milton, o retratista – como era conhecido aquele que tirava retratos. Era amplamente reconhecido por transformar simples fotografias em obras de arte. Mais do que apenas capturar rostos e poses, Milton tinha um olhar delicado e uma dedicação artesanal: fazia pequenos ajustes nas fotografias à mão, sempre que solicitado, suavizando detalhes que poderiam ser vistos como imperfeições, realçando expressões e, acima de tudo, buscando a beleza que acreditava existir em cada pessoa.

Com pinceladas sutis e um toque de paciência, retocava olhos, amenizava rugas, clareava sorrisos. Seu trabalho ia além da técnica, era quase um gesto de carinho, um compromisso com a autoestima de seus clientes. Muitos se viam, pela primeira vez, com outros olhos, através da interpretação generosa do retratista.

O estúdio do Milton, também conhecido como “1.000TON”, era simples, mas cheio de alma e alegria. Ali, famílias registravam seus momentos mais importantes. O fotógrafo também realizava fotografias de casamentos, batizados, formaturas e aniversários. Cada imagem recebia o cuidado especial, que não via apenas rostos, mas histórias. Ele buscava criar vínculos de amizade com seus clientes e, se percebesse que a foto no momento do clique não estava boa o suficiente, pedia ao fotografado que abaixasse um pouco o queixo, levantasse a cabeça ou arrumasse a roupa, garantindo que tudo saísse de forma elegante e perfeita.

Hoje, sua obra permanece viva nos álbuns antigos das famílias de São João del-Rei e cidades da região, como um testemunho do poder da imagem e da sensibilidade de um homem que acreditava na beleza de cada pessoa, bastando apenas o ângulo certo.

Em São Tiago, Milton esteve presente principalmente nos registros fotográficos das turmas concluintes da 8ª série. Chegava à escola, montava um mini estúdio sobre o palco, que tinha duas sombrinhas com luzes em formato de flash, uma cadeira ao centro e um pano branco de fundo. Em seguida, cada concluinte vestia uma blusa branca, blazer preto e colocava uma gravatinha. As fotos eram feitas de perfil ou de frente, com expressões sérias ou sorridentes, conforme o desejo de cada aluno.



Mais tarde, quando as fotos eram reveladas, o retratista retornava à cidade para que os concluintes escolhessem a imagem preferida. Dias depois, voltava com a fotografia já emoldurada, pronta para ser entregue. Até hoje, muitas dessas fotos ainda podem ser vistas nas casas da cidade, recordando um tempo em que a conclusão da 8ª série e do curso de 2º grau tinham grande valor como porta de entrada para o mercado de trabalho.

As fotografias das turmas do curso de Magistério também foram, em sua maioria, feitas por ele. Os formandos do 2º grau usavam uma blusa preta com babado, semelhante a uma beca, e alguns utilizavam até o capelo, o tradicional chapéu de colação de grau. As poses variavam entre o perfil e a vista frontal, sempre com o objetivo de eternizar o momento. Mesmo quando alguma foto não saía perfeita, Milton utilizava um lápis especial para fazer pequenos retoques, demonstrando seu cuidado e dedicação.

Fernando de Castro Campos

O JEITO PECULIAR DO MINEIRO SE COMUNICAR

O mineiro é aquele tipo de pessoa que chega sem fazer alarde, mas deixa uma marca. Simples, alegre, acolhedor e com um repertório de expressões únicas que só ele sabe carregar. Quem já ouviu um mineiro falando sabe bem: ele “come quieto”, “espia” tudo ao redor e tem um jeitinho especial de se expressar. Dizem que, quando o mineiro engole o final das palavras, seu sotaque se torna ainda mais charmoso. É o que dizem pelo país. E quem sou eu para discordar?

Esse jeito mineiro de falar, com palavras quase resumidas e um sotaque carregado de simpatia, chama a atenção por onde passa. Tanto que, ao longo do tempo, se transformou em meme nas redes sociais. Foi exatamente por meio desses memes que muitos influenciadores digitais mineiros ganharam destaque, utilizando esse sotaque peculiar, seus dialetos e palavras únicos para conquistar seguidores, tanto dentro quanto fora do estado. Afinal, quem não acha divertido ouvir um mineiro se expressando?

Um exemplo dessa fama mineira aconteceu no grupo do Facebook, chamado “Memórias de São Tiago”. Tudo começou com uma postagem de um dos administradores, com uma pergunta simples, mas carregada de mineiridade: “CÊ É FI DE QUEM?”

E aí, como bons mineiros, logo começaram a surgir comentários registrando nomes de pais, avós e demais parentes, mas sempre daquele jeito típico do interior: usando apelidos! Porque, convenhamos, no interior, se você chamar alguém pelo nome de batismo, talvez ninguém saiba quem é. Agora, falou o apelido? Ah, na hora todo mundo reconhece!

Foi assim que, de repente, um post simples se transformou numa verdadeira rede de reencontros. Gente se descobrindo como primos, amigos

de infância, padrinhos, afilhados, até vizinhos de outros tempos. A conversa fluía leve e solta, como se o tempo não tivesse passado: “Convivi com sua mãe!”, “Sei quem você é!”, “Onde você mora agora?”, “Sou seu primo!” e “Nossa, que saudade, tem tempo que não vejo!” eram apenas algumas das mensagens que surgiram.

E, de repente, o que parecia ser apenas uma postagem qualquer no Facebook acabou reunindo pessoas e revivendo memórias de várias gerações, tudo graças ao poder dos apelidos e ao jeito único do mineiro se comunicar. Um verdadeiro exemplo de como, às vezes, o simples é o que mais aproxima.

Marcus Santiago
IHGST/ALSIDR



A VIDA NA LEMBRANÇA

FONTE: ISTOCKPHOTO.COM.BR

O Observador Temporal, navegando no catálogo da existência dos homens, esbarrou em um detalhe que facilmente roubou sua atenção. Um rosto pequeno de menina, corpo de criança miúda, atitude meio sapeca, canelas finas, vestido arrumadinho simples e singelo. Os pés de tamanho delicado e descalços por costume, pisando o chão de um tempo e lugar onde a mãe zelosa cuidava com esmero dos filhos, mas sem enfeitá-los, até onde as tradições e as condições de vida permitiam.

Subia no pé de jabuticaba do fundo da horta dominando a velocidade, mas com total naturalidade, acredito, e corria para lá e para cá no todo sempre, tenho certeza.

Os limites do mundo não eram sabidos, como sempre nos engana a maioria das ilhas, mesmo aquelas que se disfarçam de interior no nosso continente.

A vida ali possuía seus próprios códigos, suas características peculiares e sua própria hierarquia de valores! Esta, por sinal e com consequências extremamente fascinantes, fazia com que ninguém se importasse em conhecer e extrapolar aquelas fronteiras nem analisar o bem e o mal nascidos deste conhecimento.

Mas, e o “mas” é um carrapato agarrado no rabo do sempre, um dia uma porta é esquecida destrancada, arrombada, ou, sem drama aberta com a naturalidade de nossa respiração e um eixo sai do prumo, alguma coisa nova se aloja em algum canto do universo daquela rua e a visão alcança uma nova paisagem novidadeira após a última curva.

De propriedade de uma tia por afinidade, a casa em frente recebe certo dia, como visita, uma moça de São Paulo, sua prima de verdade. Coisas de parentesco dos interiores. De sua janela a menina inicia uma série de observações direcionadas àquele ser exótico que se estabeleceu diante de sua completa perplexidade.

Só pelo fato da prima de fora ser mais velha e de ter um corpo mais desenvolvido já era motivo de admiração para a pequena. Ser da capital paulista e falar com um sotaque peculiar era acessório para perenizar momentos de observação e admiração.

E como cereja do bolo, a moça fumava! Soltava suas baforadas segurando os cigarros entre dedos de unhas convenientemente esmaltadas enquanto a fumaça subia até seus cabelos sinceramente pintados. Isto até pode não ser verdade, criação posterior de um instante, mas é inegável que seja plausível.

E mais ainda, tal um trem de maravilhosos vagões que nunca termina de passar, ligava a vitrola ou radiola, que seja, e colocava para rodar The Doors com Jim Morrison cantando “Light my fire”, uns dos maiores sucessos da banda, bem compatível com o cigarro. Era uma encenação espontânea proporcionada e levada a cabo no palco de uma janela.

Enquanto isso, a menina miúda continua olhando e pro-



cessando tudo, com um misto de espanto, medo e vontade de ser igual, transformando sua própria janela em espelho.

Previsivelmente isso tudo virou lembrança na hora devida. Boa lembrança. Ela não virou uma réplica da prima, pois poucos instantes da nossa existência tem o sucesso no compromisso de ser promessa a ser cumprida. Que assim seja.

A prima partiu e pouco mais foi vista por estas terras de São Tiago até a sua morte, um tanto precoce, por sinal. Deixou esta nota de rodapé na existência de sua jovem parente, o que permite que ainda permaneça e seja lembrada em momentos de nostalgia agridoce.

No presente, enquanto este Observador Temporal vislumbra a menina em poucas fotos antigas sobreviventes, ri da coincidência de ser a moça paulista também sua prima, por outro lado da família.

O Observador lamenta não possuir uma manopla que com o simples girar do pulso e movimentos dos dedos pudesse manipular o passar do tempo e transportá-lo para o lado daquela pequena criatura

e com ela interagir. Porém, o Observador não tem muito a reclamar. Sem usar magia temporal alcançou o privilégio e a honra de conhecer e amar a mulher que ela se tornou, a sua companheira.

FABIO ANTÔNIO CAPUTO

FOLCLORE – CANTIGAS DE RODA

“ALECRIM DOURADO”

“Alecrim Dourado” – também chamado de “Alecrim aos molhos” – é uma conhecida canção de roda, de origem portuguesa, que fala acerca do alecrim que cresce no campo sem ser semeado. O símbolo do amor que aflora espontaneamente.

A palavra alecrim provém do árabe **al-iklit**, que significa “coroa das montanhas”. Os romanos o denominavam “rosmarinus” (orvalho do mar) cientificamente denominado “rosmarinus officinalis”, dado o seu odor agradável e refrescante. Planta, da família das labiadas, com flores azuis e que se desenvolve largamente nas regiões mediterrâneas com solo calcário. O alecrim da cantiga parece ser o

alecrim do campo (“*baccaris dracunculifolia*”), planta medicinal de flores amarelas, variedade muito comum no Brasil.

É também nome de uma cidade do Rio Grande do Sul. Antes um verso infantil, de viés campestre, uma cantiga de teor nostálgico e ingênuo, “alecrim dourado” é uma expressão muito divulgada na atualidade, reinventada pelas novas gerações, carregando na linguagem de hoje uma dose de ironia, uma alfinetada, uma crítica aos comportamentos egocêntricos. “Alecrim dourado” é o rótulo dado, em especial nas redes sociais, a pessoas que se consideram especiais, petulantes, donas do salão, o centro das atenções, certas de que o mundo gira ao seu redor.

ALECRIM DOURADO

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado
Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo em ser semeado

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim
Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado
Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo em ser semeado

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim
Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim



Compositores:
Dp / Marcos Patrizzi Luporini

Tese acadêmica sobre a comunidade de São Pedro da Carapuça

Autora: Letícia Silva Almeida

Nossa conterrânea, Sr^a Letícia Silva Almeida, formulou/desenvolveu brilhante dissertação sobre a comunidade de São Pedro da Carapuça, enfocando em sua lapidar pesquisa, aspectos históricos, memorialísticos e culturais da localidade.

Sob o título “A Carapuça que serviu: a transição da fazenda escravocrata à comunidade negra rural na região das

Vertentes” (UFSJ), 2025. A tese aborda aspectos fundiários, econômicos, escravistas da localidade, tradições orais, a trajetória e luta de escravizados e seus descendentes no tocante às estratégias de sobrevivência e autonomia territorial consubstanciada em vasta documentação histórica.

Cumprimentamos a jovem pesquisadora pelo trabalho, em si exuberante, que dignifica a nossa cultura e contribui para o melhor conhecimento e reconstrução de nossa história.

Festa do Produtor Rural em São Tiago, entre os dias 22 a 25 de maio, encanta público com estrutura impecável, grandes atrações e emoção do início ao fim

Durante os dias de festa, o Parque de Exposições de São Tiago se transformou em palco de celebração, tradição e emoção. O público que prestigiou o evento pôde desfrutar de uma programação diversificada, que incluiu desfiles, provas de poeirão, rodeios eletrizantes e uma sequência de shows que animou todas as gerações.

O ponto alto foi, sem dúvida, a apresentação inesquecível da consagrada dupla **Jean e Giovanni**, que levantou a multidão ao som de seus maiores sucessos. Outros artistas também brilharam no palco, embalsaram o público e contribuíram para tornar esta edição memorável.

A estrutura montada pelo **Sindicato Rural de São Tiago** foi um verdadeiro diferencial. Pensada nos mínimos detalhes, garantiu conforto, segurança e diversão para todos os visitantes. Tudo foi organizado com carinho e dedicação, reforçando o compromisso com a valorização do Produtor Rural e o fortalecimento das tradições do campo.

O sentimento que fica é de **gratidão**. A todos que participaram, trabalharam, apoiaram e prestigiaram o evento, o nosso **muito obrigado**. Sem a colaboração e o entusiasmo de cada um, nada **disso teria sido possível**.

E a boa notícia é que em **2026 tem mais!** Desde já fica o convite para que todos estejam novamente presentes, ajudando a fazer uma festa ainda mais bonita, que celebra quem faz a nossa terra crescer: o **Produtor Rural**.

Palavras do presidente do Sindicato Rural, Sr. Messias José Pinto de Oliveira:

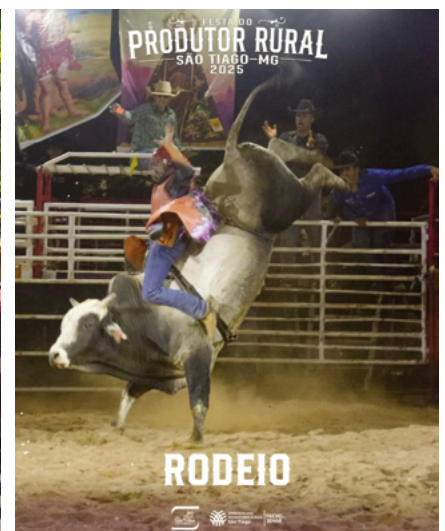
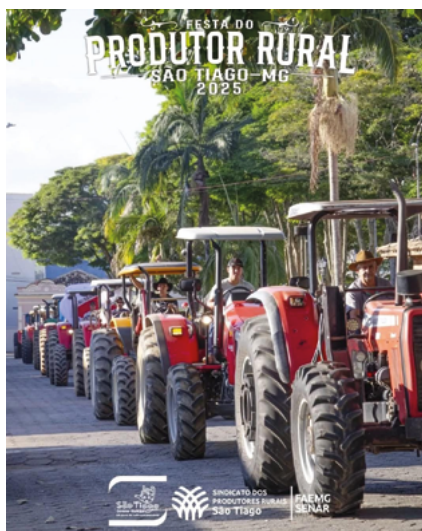
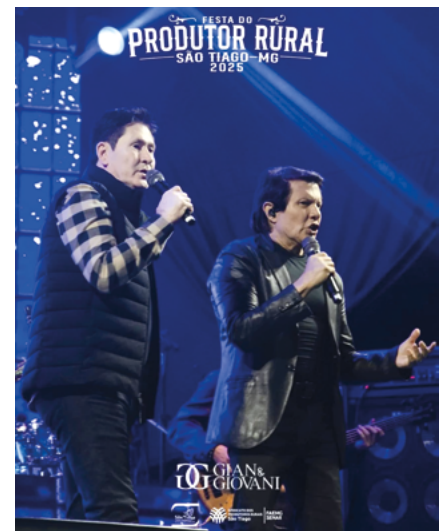
"Dentro das metas traçadas e objetivos alcançados, estão também o lado social, o encontro de pessoas, a troca de ideias e os exemplos a serem seguidos.

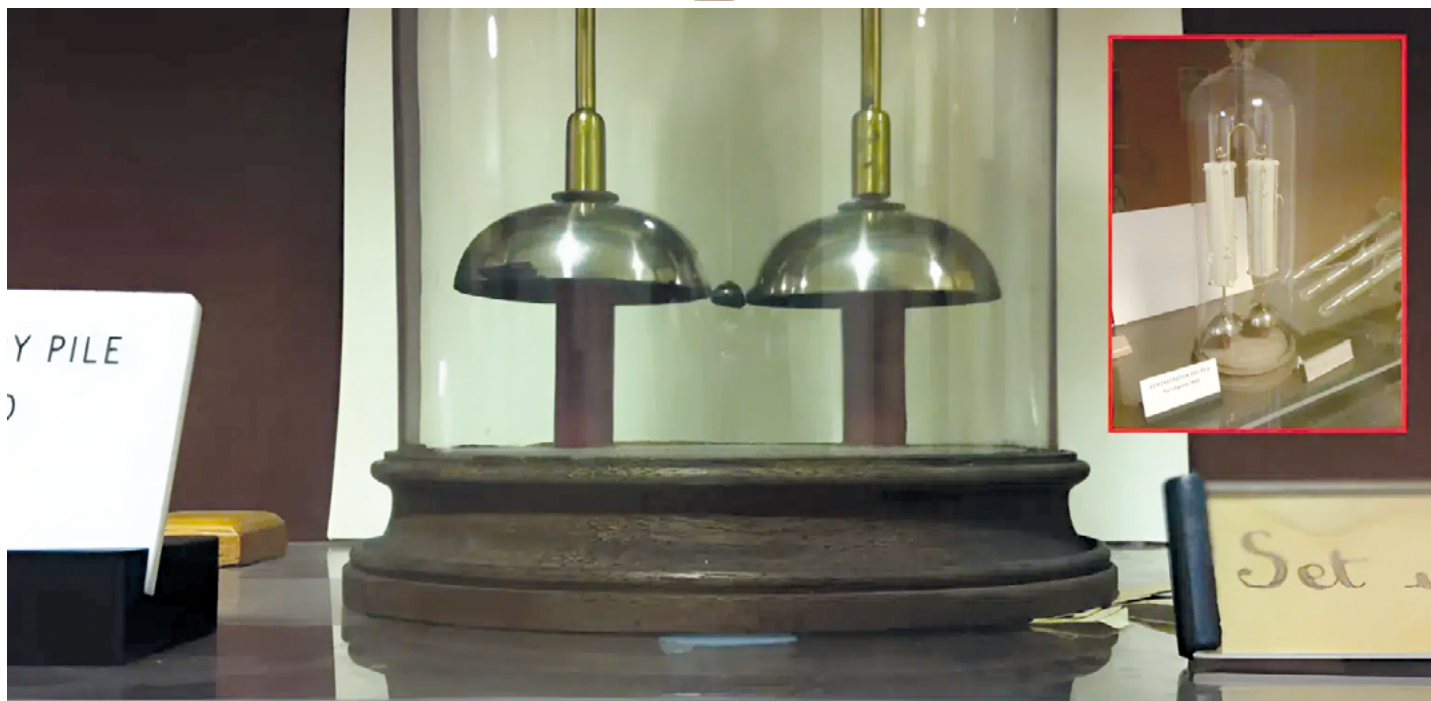
Dezenas de expositores trouxeram o que há de melhor: animais jovens de alta performance, geneticamente melhorados, mostrando todo o potencial da nossa pecuária e do agronegócio regional.

O agro é uma força que vem do campo, cada vez maior, mais tecnificado e competitivo. Estamos investindo pesado em novas tecnologias, sempre com foco no crescimento econômico aliado à sustentabilidade."

A festa só foi possível graças à união de esforços entre o setor privado e o poder público municipal, além de importantes **parceiros patrocinadores**, com destaque para **FAEMG/SENAR** e **SICOOB CREDIVERTE**, que vêm sendo grandes apoiadores dos eventos promovidos pelo Sindicato Rural.

Com espírito de união, inovação e valorização do campo, São Tiago reafirma seu protagonismo no cenário do agronegócio mineiro e brasileiro.





Campainha toca há 180 anos sem parar e desafia a ciência

Escrito por Romário Pereira de Carvalho

Uma campainha que toca ininterruptamente há 180 anos continua funcionando sem que ninguém saiba exatamente como. De onde vem sua energia? Cientistas tentam desvendar esse mistério fascinante!

Escondido em uma sala do Clarendon Laboratory, na *Universidade de Oxford*, uma campainha toca sem parar há mais de 180 anos.

O **Oxford Electric Bell**, como é chamado, desafia a lógica moderna sobre a longevidade das **baterias**. Ninguém sabe exatamente como ele ainda funciona, e abrir o dispositivo para investigar significaria interromper um dos experimentos mais antigos do mundo.

Acampainha, movido por uma bateria de **tecnologia** desconhecida, pode ser a chave para entender novas formas de armazenamento de energia. Mas como ele conseguiu durar tanto tempo?

A CAMPAINHA QUE NUNCA PARA

O Oxford Electric Bell foi construído em 1840 pela empresa Watkins and Hill, especializada em instrumentos científicos. Seu objetivo inicial era demonstrar o princípio da energia eletrostática. Desde então, ele toca repetidamente, produzindo um som quase inaudível.

Fatos impressionantes sobre a campainha:

- Está tocando continuamente há mais de 180 anos.
- Nenhuma bateria moderna chega perto dessa longevidade.
- Sua composição exata é um mistério.
- A esfera metálica que oscila entre os campainha já bateu quase 10 bilhões de vezes.

• Não pode ser aberto sem encerrar o experimento para sempre.

O funcionamento é relativamente simples: uma pequena esfera de metal oscila entre duas campainhas de latão, completando um circuito elétrico e sendo atraída para o lado oposto. Esse movimento se repete indefinidamente, desde que haja carga na bateria.

Mas o grande mistério permanece: como essa bateria pode durar tanto tempo?

O SEGREDO DA BATERIA

Acredita-se que a bateria do Oxford Electric Bell seja um tipo antigo de pilha seca, um modelo rudimentar que antecede as baterias químicas modernas.

Essa bateria provavelmente usa camadas de metal separadas por discos embebidos em eletrólito, permitindo a geração de uma

carga elétrica sem degradação química significativa.

O que se sabe sobre essa bateria:

- Sua composição exata continua desconhecida.
- Diferente das baterias modernas, usa energia eletrostática.
- Tem um consumo de energia extremamente baixo.
- Pode ter sido feita com materiais mais duráveis do que os usados hoje.

Baterias modernas perdem eficiência porque seus componentes químicos se degradam com o tempo. Mas a tecnologia usada na Oxford Electric Bell parece desafiar essa lógica. A energia eletrostática pode ser a chave para sua incrível resistência.

UMA REVOLUÇÃO NA TECNOLOGIA?

O funcionamento dessa campainha levanta uma questão importante: será que essa tecnologia pode ser aplicada em baterias modernas? Se os cientistas conseguirem entender o segredo dessa pilha, novas possibilidades podem surgir.

Algumas aplicações possíveis:

Exploração espacial: sondas e equipamentos que precisam operar por décadas sem manutenção.

Dispositivos IoT e casas inteligentes: sensores e aparelhos que nunca precisariam ser recarregados.

Instrumentos científicos: sensores em locais remotos que poderiam funcionar por séculos.

Sustentabilidade: tecnologias de armazenamento de energia mais eficientes e menos poluentes.

A longevidade extrema dessa bateria mostra que há um potencial inexplorado para fontes de energia alternativas.

O DILEMA CIENTÍFICO

Apesar da curiosidade científica, desmontar a campainha significaria encerrar um dos experimentos mais antigos do mundo. Por isso, os pesquisadores preferem deixar que ele continue funcionando até que a bateria finalmente se esgote.

Teorias sobre sua longevidade:

Carga eletrostática autossustentável: alguns cientistas acreditam que a campainha pode se recarregar de alguma forma.

Consumo de energia ultrabaixo: a quantidade de energia necessária para cada toque é mínima.

Materiais desconhecidos: a bateria pode conter materiais que não são mais produzidos atualmente.

Até hoje, ninguém pode prever exatamente quando a campainha vai parar. Alguns cientistas estimam que ele possa continuar funcionando por mais 50 a 100 anos.



CAUSOS DO PADRE JOSÉ DUQUE

CASA DE PADRE, ESTÚDIO DE NOIVAS

D^a Terezinha¹, que viria a se consorciar com o sr. Antonio dos Santos (nosso distinto amigo e cidadão Antonio Rosa) trabalhara por tempos na residência de Pe. José Duque de Siqueira (1868–1955), vasta propriedade à Av. Cel. Benjamim Guimarães, que se estendia, então, até a Pavuna. Para muitas pessoas da comunidade, a frequência à casa-solar do celebrado vigário era como entrar em um mundo novo, singular. Morada ampla, interiores espaçosos, instalações e áreas bem cuidadas, afora a área composta por jardins de gracioso toque, a que se acresciam os pomares imensos, exuberantes – tão cobiçados pela meninada de então – ocultos por altos muros.

Juntamente a D^a Herondina, governanta da casa e irmã do pároco, D^a Terezinha colaborava em todos os afazeres domésticos, desde a limpeza diária, o tratamento e cuidado com as roupas, encargos de copa e cozinha, até mesmo costuras em geral. Sem se falar no acolhimento às visitas, pois casa de Pe. José Duque

era referenciada, frequentada por paroquianos, romeiros, autoridades, visitantes das mais diversas procedências. Dezenas de pessoas, diariamente, ali eram acolhidas, providas com farta alimentação e mesmo pernoite, o que exigia desdobramentos, dedicação e solicitude por parte dos incansáveis trabalhadores da casa.

Outro peculiar aspecto cercava o trabalho de D^a Terezinha granjeando-lhe, até hoje, o apreço e reconhecimento das famílias locais: ajudava ela, habilmente, nos preparativos (making of) das noivas, inexistindo, à época, salões e estúdios de beleza, ateliês, spas e profissionais especializados em moda, indumentária e estética pessoal. Na véspera ou ainda no dia tão esperado, emoções à toda, nubentes com frioquinho na barriga, D^a Terezinha, expert no assunto, realizava todos os detalhes relacionados ao bem-estar e estética das noivas – indumentária, maquiagem, vestido, penteado, acessórios (grinaldas, arranjos, acessórios em geral).

E onde funcionava o estúdio? Nas dependências da casa de Pe. José, que dispunha do devido conforto, espaço e estrutura para tal – chuveiros elétrico e de serpentina, água farta, área ajardinada,

Tudo com a anuência do austero proprietário, que, no mínimo, fazia vistas grossas ao peculiar fato...

1 D^a Terezinha Maria de Jesus nascida aos 12/08/1929, falecida aos 30/07/2012, filha do sr. José Bruno Santiago e Dolores Cândida de Jesus. Nossos agradecimentos à sra. Narayana Elizabeth dos Santos, neta de D^a Terezinha, pelas informações supra

O CACHORRO LEÃO

João Evangelista Caputo (Joãozinho Caputo), estimado comerciante do passado, tinha um cachorro de nome Leão, de total estima do dono e família, e mesmo dentro do quintal, onde vivia enclausurado, impunha respeito em toda a redondeza e transeuntes. Animal exigente, musculoso, ágil, rajado com franjas densas, longos tufo, pelagem amarelo-arenoso, patas relativamente curtas, estas de tons acinzentado-claros que o tornavam muito parecido com um leão. Daí o seu nome.

Certo dia, ao alvorecer, burlando a vigilância do pessoal da casa, Leão foge, no momento em que Pe. José Duque, o famoso vizinho de frente, deslocava-se de sua residência em direção à Igreja Matriz, onde habitualmente realizava os ofícios religiosos da manhã,

O animal, estranhando o religioso, rosna, com possível intuito de ataque.

Pe. José, com sua fleuma de sempre, inquire o animal:

– Você quer me morder, Leão? Você não vai fazer isso não...

Nesse instante, sr. Joãozinho e filhos chegam, às pressas, recolhendo o animal fugitivo e com profundos pedidos de desculpas ao venerável vigário.

Dali a dois ou três dias, gozando de toda saúde e vitalidade, o animal apareceria morto...

Fonte: Cap. Tarcísio Caputo (RJ)

NOME DO GAROTO

Pela década de 1940, numa de suas visitas pastorais à cidade, D. José Medeiros Leite, bispo diocesano de Oliveira no período de 1945 a 1977, foi, como sempre, muito bem recebido pela população, para tal devidamente preparada para a pomposa, piedosa recepção. Eram referências a toda hora ao senhor bispo diocesano José Medeiros Leite, sejam nas saudações, nas apresentações, o que alguns paroquianos, gente simples, que sequer sabiam o que era o termo “diocesano”, intuindo que era o nome do senhor bispo.

Anos após, ao retornar à paróquia para mais uma visita pastoral, um senhor simpático, humilde, acompanhado de um menino, aproximou-se de D. José, esclarecendo:

– Senhor bispo, este garoto nasceu à época em que o senhor esteve aqui da última vez, coloquei, pois, o seu nome nele em digna e meritória homenagem ao senhor...

– Mas, que ótimo, parabéns – redarguiu o bispo, todo feliz e honrado – este saudável e gracioso garoto, então, se chama José?

– Não, senhor bispo – afirmou o pai com toda ênfase e solenidade, peito estufado, sílabas bem cadenciadas – o nome dele é Diocesano. Conforme lhe falei antes, tal qual o nome do senhor...

NOME DE BICHO, NÃO!

À época de D. José Medeiros Leite à frente da diocese de Oliveira, o secretário geral da Cúria era o Mons. Medeiros Leão, sacerdotado culto, dedicado, laborioso e ademais, irmão do bispo.

A Igreja, como sabemos, teve vários papas com o nome de Leão, dentre eles Leão XIII, que pontificou de 1878 a 1903, autor da famosa encíclica Rerum Novarum, que trata da política social da Igreja em relação aos trabalhadores, até hoje reverenciado como notável e iluminado pontífice. Por coincidência, o atual papa escolheu o nome de Leão XIV.

Por aqueles tempos, havia um famoso e talentoso engenheiro, escritor e publicitário de nome Bastos Tigre (1882–1957), autor de inúmeras obras literárias, criador de vários bordões a induzir os consumidores a escolher marcas de produtos, responsável, então, pela propaganda de grandes empresas como General Elec-

tric, Brahma...Um dos figurões da época

Certo dia, na Igreja Matriz, à hora dos batizados, sendo pároco o Pe. José Duque, aparece um paroquiano com uma criança para ser batizada. Junto a pia batismal, o sacerdote pergunta-lhe:

– Qual o nome da criança?

– Leopardo, são padre

– Como?! Onde já se viu nome de bicho em pessoa...

– Ué, a Igreja tem tantos papas com o nome de Leão, até o secretário do senhor bispo chama-se Leão. Tem um graúdo de nome Tigre que faz propaganda nas rádios e cinemas, eles podem ter nome de bicho e “nóis do povo”, não?! Portanto, Leopardo é o nome do garoto...

(Diz-se que o oficiante, ao transcrever o registro no livro de batizados, puxou um pouco o “n”, mas manteve a grafia precisa, ou seja, Leonardo). Ufa...

AO PÉ DA FOGUEIRA



O HOMEM DO ROLO, O INCRÍVEL CHIQUEINHO PAIM

Era ele um enfatuado produtor rural, mais celebrizado por ser o "homem do rolo", gabolagem, embromação, fama esta que se estendia por centenas, quiçá milhares de quilômetros, ultrapassando as fronteiras da região Centro Oeste e Estado. Seu mundo era o da farsa, encenação, algo desconcertante e inaceitável para pessoas comuns, corretas, idôneas. Frequentador assíduo de leilões de gado, arrematador contumaz, presença indigesta, dando sufoco aos sindicatos e donos de gado promotores de feiras e leilões. Difícil, quase impossível receber do homem...

Desde longe, ouvia-se o matraquear de suas troantes botas, o chapéu enfiado como sinal de empáfia, a voz ora áspera, ora dissimulada. Dele só se esperava a mesma postura deslavada, a mesma encenação, a mesma falácia, o engazopar e iludir o outro, o grotesco ao vivo, provocando espanto, pilhéria, temor. Perdera, de há muito, a noção do correto, da composição, o cuidado da imagem e identidade cidadã.

Sufoco igualmente para o Fisco, pois proprietário ou arrendatário de várias propriedades, seus cadastros eram simplesmente ilógicos, estapafúrdicos, discrepantes. Nada fechava em seus cadastros junto aos órgãos oficiais. Os registros jamais conferiam, conduzindo a autuações, multas, processos. Chiqueinho Paim era, em suma, uma singularidade, uma excrepância, uma dor de cabeça para todos.

Tendo em seu cadastro, o registro de dezenas e dezenas de búfalos, o fato chamaria a atenção da fiscalização, que, mesmo percorrendo os redutos das diversas fazendas do "enrolado", notificando em vão o proprietário para explicações, jamais encontrara uma única cabeça de bubalino e muito menos rastros de Chiqueinho Paim. O homem parece se "desenrolar", evaporara.

ra", evaporara.

Certa feita, Chiqueinho Paim encontra-se na sede do Sindicato Rural com um fiscal do IMA. Algo inesperado, surpreendente para ambas as partes.

- Mas, são Chiqueinho, que grata surpresa, até que enfim consigo encontrá-lo, pois dezenas de notificações, visitas às suas fazendas, nada de resposta....O sr. está nos tratando com desdém, desapareço...

- Em que posso servi-lo, são fiscal?

- Ora, são Chiqueinho, estou aqui com mais duas autuações sobre os búfalos constantes em seus cadastros. Há meses, mesmo com ordens superiores, não consigo localizar seu rebanho bubalino, após inúmeras e infrutíferas visitas ao local. Gado fantasma, andariço, jamais encontrado hein?! Quarta-feira próxima retorno lá e dessa vez com reforço policial, mediante ordem judicial em meu poder....

- São fiscal, o senhor não encontra o gado, porque ele é intangível, é papel avoante, é fumaça, nunca existiu de fato... Lancei ele para melhorar o cadastro e pegar uns cobres de financiamento no banco...

Percebendo que cometera um deslize, falara demais, confissão de vários dolos ao mesmo tempo, corrige-se:

- Foi roubado, é o que vou alegar quando receber a notificação, seja do senhor, do oficial de justiça ou quem for...

- Mas, se foi roubado, e o comunicado do roubo? O Boletim de Ocorrência?

- Mas, são fiscal, que bom encontrá-lo aqui, o senhor acaba de me dar uma ótima idéia. Estou indo agora, direto à delegacia de polícia, comunicar o sumiço dos búfalos...

Realização:



Apoio:

